

As *Várias Rimas ao Bom Jesus*, de Diogo Bernardes, e os seus contextos

I

1. Na «nota introdutória» à reprodução fac-similada da edição de 1597 das *Rimas Várias. Flores do Lima*, Aníbal Pinto de Castro escreve que Diogo Bernardes «pudera preparar toda a sua obra ou, talvez, boa parte dela para impressão»¹. Embora admita que «a inclusão da elegia de Fr. Agostinho da Cruz à sua morte nas últimas páginas das *Rimas Várias* prova que em 1596-1597 já tinha falecido», avança que «nada nos impede de pensar que, tendo ainda visto concluída a impressão das *Várias Rimas ao Bom Jesus* em 1594, prosseguisse na organização dos outros dois volumes, embora não tivesse podido já vê-los totalmente impressos»².

As palavras do ilustre ensaísta de Coimbra assumem as opiniões de Herculano de Carvalho e remetem para o artigo que este publicou em 1949, na *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade de Lisboa³. Aí se escrevia, a propósito das *Flores do Lima*, que «nada nos indica que Bernardes, mesmo tendo falecido em 1594, não teve ou não pôde ter tido interferência na coordenação da sua obra, saída à luz três anos mais tarde; pelo contrário, factos há que no-la mostram como possível e como provável.»⁴ O ângulo pelo qual este artigo aborda o problema da responsabilidade de Bernardes na organização e edição da sua obra poética é o do conhecido – e hoje ultrapassado – «pleito Diogo Bernardes-Camões», para o qual só parece interessar, no conjunto das obras do primeiro, esse volume das *Flores do Lima*, editadas pela primeira vez em 1597, por Manoel de Lyra, «a custa de Estevão Lopez mercador de livros». Talvez por isso, os investigadores que têm escrito sobre Diogo Bernardes têm aceitado sem discuti-la a responsabilidade absoluta do autor na preparação dos dois primeiros volumes da sua obra. É o que faz Herculano de Carvalho quando, na tentativa de mostrar como era «possível» que Bernardes *também* tivesse

¹ BERNARDES, Diogo, *Rimas Várias Flores do Lima*, reprodução fac-similada da edição de 1597. Nota introdutória de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, 1985, 11.

² BERNARDES, Diogo, *Rimas Várias Flores do Lima*, ed. cit., 11.

³ CARVALHO, José G. Herculano de, *Sobre o texto da lírica camoniana*, in *Revista da Faculdade de Letras [de Lisboa]*, Tomo XV — 2ª série, Nº 1 e 2 (1949), 69-73.

⁴ CARVALHO, José G. Herculano de, *Sobre o texto da lírica camoniana*, art. cit., 70.

tido interferência na edição das *Flores do Lima*, escreve: «As *Várias Rimas ao Bom Jesus*, saídas em 1594, têm as licenças datadas de 22 de Agosto, 9 de Setembro e 3 de Novembro desse ano. De *O Lima*, aparecido apenas em 1596, as licenças são de 1 e 10 de Dezembro de 1594. Isto é, estavam as duas obras prontas, respectivamente, antes de Agosto e antes de Dezembro desse ano. Ora se *O Lima* saiu em 1596 estando pronto desde 1594, porque não podiam as *Flores do Lima* estar prontas nesse mesmo ano e sair só em 1597? E até, a aceitarmos, como parece verosímil, a data de 1594 para a morte de Bernardes, poderíamos supor que ele teria acabado a preparação dos três livros no próprio ano da morte: o *Bom Jesus*, mais cedo pronto, recebidas as licenças, saiu a lume imediatamente; *O Lima*, acabado de preparar pouco depois, recebeu as licenças nesse mesmo ano, mas já não saiu então, por ter Bernardes morrido entretanto; as *Flores*, prontas também, mas depois das duas outras obras, a morte do seu autor já não permitiu sequer que fossem apresentadas a solicitar as licenças.»⁵

O raciocínio seguido por Herculano de Carvalho leva-o, pois, à conclusão de que a data da morte de Diogo Bernardes deve situar-se entre os fins de Novembro e os princípios de Dezembro de 1594⁶. Se assim fosse, poderia afirmar-se, com José Adriano de Carvalho, que o irmão de Fr. Agostinho da Cruz foi, juntamente com D. Manuel de Portugal, um dos dois únicos poetas portugueses do século XVI que viram parte da sua obra publicada em vida⁷. No entanto, como esperamos mostrar adiante, é duvidoso que Bernardes tenha visto publicado sequer o primeiro dos três volumes em que se encontra dividida a sua obra.

O ano que Herculano de Carvalho aceita como «verosímil» para a data da morte do poeta e que Aníbal Pinto de Castro, como a generalidade dos actuais investigadores literários, não discute – 1594 –, foi pela primeira vez considerado por Álvaro Pimenta da Gama, com base no «Alvará» de nomeação de Diogo de Sólis para o lugar de «moço de toalha» de Filipe I. Reza este alvará que D. Filipe, «havendo respeito aos serviços de Diogo de Sólis», lhe faz mercê do ofício de servidor da toalha «que vagou por

⁵ CARVALHO, José G. Herculano de, *Sobre o texto da lírica camonianiana*, art. cit., 70-71.

⁶ CARVALHO, José G. Herculano de, *Sobre o texto da lírica camonianiana*, art. cit., 71.

⁷ Cf. CARVALHO, José Adriano de Freitas, *No texto do Cancioneiro de corte e magnates: os Salmos penitenciais de D. Jorge de Soto Mayor*, in *Annali dell'Istituto Universitario Orientale*, XVIII, 2 (1976), 233-235. O autor, sob a sugestão dos trabalhos de D. Antonio Rodríguez Moñino, faz um levantamento do que um leitor contemporâneo da batalha de Alcácer-Quibir poderia ler impresso de Sá de Miranda, de Bernardim Ribeiro, de António Ferreira, de Diogo Bernardes, de Fr. Agostinho da Cruz, de Camões, de Pero de Andrade Caminha, de D. Manuel de Portugal, concluindo que, «se tirarmos Bernardim Ribeiro da lista, [...] em 1578 nada havia impresso, tal como a conhecemos hoje, da obra poética lírica de qualquer dos grandes poetas do século XVI português.» Este é um trabalho a que voltaremos, de outro ponto de vista, mais adiante.

fallecimento de Diogo Bernaldez a que não ficou filho nem filha, e havendo outrossim respeito a haver onze anos que serve o dito officio de serventia»⁸. Uma vez que o referido alvará está datado de 4 de Setembro de 1605, Pimenta da Gama subtrai a este ano os onze de serventia que Diogo de Sólis levava no exercício da função que fora de Bernardes e para a qual é nomeado. Chegou, assim, a 1594. No entanto, este biógrafo do limiano prefere fixar a sua morte em 30 de Agosto de 1596, acompanhando a opinião do padre Claudio Conceição. Apesar de reconhecer que «a nenhuma produção de Bernardes, por nós conhecida, é possível assignar, com exactidão, data posterior a 1594», toma como «prova da sua assistência na capital até 1596» as duas edições das suas obras que, escreve, «se sabe terem sido impressas em sua vida»⁹.

Em 1942, num artigo sobre «A Lírica Camoniana no século XVII»¹⁰, Costa Pimpão refere-se à data da morte de Diogo Bernardes e ao documento aduzido por Pimenta da Gama. Aí se salienta que a data fixada pelo padre Claudio da Conceição e aceite por Pimenta da Gama «briga um pouco com a declaração do documento de 4 de Setembro de 1605 que nomeia definitivamente Diogo de Solis para o lugar de *servidor de toalha*, em que fora provido interinamente havia *onze anos*, por morte de Diogo Bernardes»¹¹. Esta suspeita levantada por Costa Pimpão é analisada por Herculano de Carvalho, o qual salienta que o texto do documento não afirma, como parece ter entendido o primeiro, que Diogo de Solis tenha servido interinamente aqueles onze anos que medeiam entre 1594 e 1605 por morte de Diogo Bernardes. Poderá equacionar-se a hipótese, avança, de que Diogo de Solis tivesse ocupado interinamente o lugar de Bernardes «não por morte, mas por doença deste»¹². Em abono desta possibilidade, Herculano de Carvalho refere que, talvez por doença, o poeta «já não exercia as suas funções de servidor de toalha em 1593, visto os documentos desse ano que lhe dizem respeito não mencionarem tal officio»¹³. Ainda assim, aceita como «altamente provável» a data de 1594 para situarmos a morte de Bernardes.

⁸ GAMA, Álvaro Pimenta da, *Diogo Bernardes*, in *O Instituto*, LVII (1910), 758-768 e LVIII (1911), 116-128, 221-232, 341-355, 433-440 e 481-484. O texto do referido «Alvará» encontra-se transcrito na página 484 do volume LVIII (1911).

⁹ GAMA, Álvaro Pimenta da, *Diogo Bernardes*, art. cit., LVIII (1911), 351-352.

¹⁰ PIMPÃO, Álvaro J. da Costa, *A Lírica Camoniana no século XVII*. Faria e Sousa e Álvares da Cunha, in *Brotéria*, vol. XXXV (1942), 14-27.

¹¹ PIMPÃO, Álvaro J. da Costa, *A Lírica Camoniana no século XVII*, art. cit., 22, n.1.

¹² CARVALHO, José G. Herculano de, *Sobre o texto da lírica camoniana*, art. cit., 69-70, n. 2.

¹³ CARVALHO, José G. Herculano de, *Sobre o texto da lírica camoniana*, art. cit., 69-70, n. 2.

Pela nossa parte, julgamos plausível a conclusão a que chegou Herculano de Carvalho, apesar da falta de documentos que permitam fixar em definitivo a data da morte de Diogo Bernardes. Com efeito, de absolutamente positivo, apenas podemos, no momento actual, referir a publicação da elegia de Fr. Agostinho da Cruz na edição de 1597 das *Flores do Lima*, o que fixa em 1596 o limite *ad quem*, e os documentos referidos por Herculano de Carvalho que mostram que em Setembro de 1593 Diogo Bernardes ainda vivia, o que indica o limite *a quo*. Se aceitássemos, como tem sido aceite até hoje, que o poeta é o único responsável pela edição das *Rimas ao Bom Jesus* e que colaborou na sua organização, podendo, pois, ser-lhe atribuídas as rubricas que introduzem cada um dos poemas, seria possível afirmar que em Abril de 1594, quando foi canonizado S. Jacinto, O.P., Diogo Bernardes continuava vivo. Com efeito, o primeiro dos dois sonetos que são dedicados ao santo polaco é introduzido pela seguinte rubrica: «Soneto em louvor do glorioso S. Jacinto agora novamente canonizado»; sabendo-se que S. Jacinto foi canonizado em 17 de Abril de 1594, forçoso seria concluir que o autor do soneto se encontrava vivo nesta data. Mas será possível aceitar sem discussão «a responsabilidade estreme» — para nos servirmos duma expressão de Aguiar e Silva¹⁴, a propósito das *Flores do Lima* — na organização, redacção dos elementos paratextuais e edição das *Várias Rimas ao Bom Jesus*? É o que examinaremos de seguida.

2. Não oferece dúvidas que Diogo Bernardes pensou a ordenação das suas obras e trabalhou na preparação da sua edição. Tanto a «Carta dedicatória» que precede as éclogas e cartas d'*O Lima*, como o «Soneto dedicatório ao Bom Jesus» com que abrem as *Várias Rimas* editadas em 1594 mostram que Diogo Bernardes concebeu um plano de edição para as suas obras. O que não nos parece tão evidente é que tivesse o volume das suas poesias religiosas mais adiantado do que *O Lima*. Com efeito, este último estava, sem sombra de dúvida, pronto para a edição quando o poeta redigiu a «Carta dedicatória» ao Duque de Aveiro, D. Álvaro de Lencastre. Nessa carta o autor apresenta e justifica o título da recolha: «Não achei cousa, cuidando nisso muitas vezes, com que mais pudesse acreditar este meu *Lima* (tal nome me pareceu que lhe não quadrava mal, pois tudo o mais do que nele vai escrito compus na sua ribeira), que com o dirigir a Vossa Excelência»¹⁵. Revela, ainda, tê-lo mostrado a seu irmão, o qual havia aprovado tanto o texto como o dedicatório da obra: «E o que mais me

¹⁴ SILVA, V. M. Aguiar e, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Coimbra, 1971, 48, n. 2.

¹⁵ BERNARDES, Diogo, *O Lima. I — Éclogas*, Lisboa, 1923, [3].

acendeu este desejo, e me segurou do receio em que me punha parecer-me que nisto me atrevia muito, foi achar o Padre, meu irmão, Fr. Agostinho da Cruz, Capucho da Arrábida, súbdito de Vossa Excelência, desta minha mesma opinião: o que claro se vê nesse Soneto seu, que aqui fiz imprimir, para desculpa minha e honra do mesmo *Lima*.»¹⁶ Estas informações, a que poderemos acrescentar a homogeneidade formal das composições recolhidas neste volume, mostram claramente que o autor tinha terminado a preparação d'*O Lima*, encontrando-se este pronto a entrar nos prelos.

Não nos parece, assim, que possa aceitar-se a hipótese formulada por Herculano de Carvalho, segundo a qual as *Várias Rimas ao Bom Jesus* teriam saído a lume dois anos antes d'*O Lima* porque estavam prontas a editar mais cedo. Ao que podemos avaliar, ter-se-á verificado justamente o contrário, isto é, *O Lima* estaria pronto à data da morte de Diogo Bernardes, enquanto a organização das suas poesias sacras ainda não estaria terminada. Apesar de haver já redigido o «Soneto dedicatório» que abre a edição de 1594, há vários sinais que deixam entender que o trabalho de selecção e ordenação iniciado pelo autor das *Rimas ao Bom Jesus* ainda não estava concluído.

Antes de mais, o referido soneto apenas anuncia a recolha dos poemas dedicados «ao brando Senhor Jesus» e «à Virgem Madre». Ora, no volume editado por Simão Lopes, estas composições representam apenas cerca de 1/3 do total. Os restantes 2/3 são apenas referidos no título geral da obra e correspondem aos blocos de poemas dedicados «a sanctos particulares», por um lado, e outros poemas «de honesta e proveitosa lição», por outro. Tal como foi editada, a colecção reúne um conjunto de composições de grande heterogeneidade formal, organizadas de tal forma que, à medida que avançamos na leitura, nos vamos afastando da temática propriamente religiosa, derivando para a reflexão moral, até encontrarmos, nas páginas finais, composições onde será difícil vislumbrar qualquer laivo de sagrado, como acontece com a «Oda ao conde das Idanhas estando fora da corte» e com o «Soneto aos cabellos da barba que D. Joam de Castro visou Rey da India empenhou à cidade de Goa». Um esquema que resuma o conteúdo da obra poderá, talvez, tornar mais facilmente visível como, a partir de um núcleo inicial que corresponde exactamente ao que é anunciado no «Soneto dedicatório», a colecção se vai descaracterizando, enquanto poesia sacra:

I. Poemas «ao Bom Jesus» (folios 1-22):

I.1. A Paixão;

¹⁶ BERNARDES, Diogo, *O Lima*. 1 — *Éclogas*, Lisboa, 1923, [3].

- I.2. O Nascimento.
- II. Poemas dedicados à Virgem Maria (folios 22v-35v).
- III. Poemas centrados em figuras de santos (folios 36-72):
 - III.1. Santos que têm uma relação estreita com Jesus Cristo: S. Pedro, S. João Evangelista e S. João Baptista;
 - III.2. Outros santos: S. Lourenço, S. Sebastião, S. António, S. Agostinho, S. Bernardo, S. Maria Madalena, S. Jacinto, S. Úrsula e as onze mil virgens, S. Clara.
- IV. Outros poemas, «de proveitosa lição» (folios 72v-108).

Aparentemente, há nas *Rimas ao Bom Jesus* vários núcleos textuais que se encontram justapostos, o que parece indiciar a existência prévia de pequenas colecções autónomas, ou mesmo de textos que terão tido uma circulação independente, os quais foram agrupados neste volume sem que tivesse existido uma preocupação de os integrar num todo coerente. Com efeito, quer o poema consagrado às «Lágrimas de S. Pedro» quer o que narra a «Vida de S. Úrsula» constituem obras estruturalmente autónomas e com vida própria; também o primeiro núcleo parece ter uma unidade que assenta nos dois ciclos litúrgicos: Páscoa (Paixão, Pentecostes, Ascensão) e Natal; os quatro sonetos compostos a pretexto da chegada das relíquias que D. João de Borja ofereceu ao Mosteiro de S. Roque ou o conjunto de dois sonetos e dois epigramas «em louvor de São Jacinto da Ordem dos Pregadores agora novamente canonizado» apresentam, no seu carácter circunstancial, uma autonomia clara. Globalmente, o volume das poesias sacras de Bernardes apresenta, assim, uma dimensão antológica; o leitor fica com a ideia de que se está perante uma acumulação de textos, vagamente arrumados de acordo com algumas afinidades, mas sem que houvesse critérios de selecção e de ordenação claros e rigorosos. Sintoma desta falta de organização criteriosa é a publicação de textos que se repetirão nos dois outros volumes das obras de Bernardes. Referimo-nos à «Egloga deploratória ao Senhor Dom Duarte no tempo do mal» (folios 73v-77), publicada n'*O Lima*, onde é a égloga XII, à «Oda ao conde das Idanhas», que saiu nas *Flores do Lima*, em 1597, onde ocupa os folios 91v-95, aos dois sonetos dirigidos ao cardeal Alberto, os quais aparecem também nas *Flores do Lima* (folios 90v e 91), e ao soneto «Aos cabellos da barba que D. João de Castro Viso Rey da Índia empenhou à cidade de Goa», saído igualmente nas *Flores do Lima*, onde ocupa o folio 90 da primeira edição.

Custa-nos a admitir que Diogo Bernardes possa ser responsabilizado por estas repetições e pelas incoerências que atrás apontamos. Preferimos atribuí-las aos primeiros editores da sua obra, os quais terão tido acesso aos materiais reunidos pelo autor para os volumes das *Rimas ao Bom Jesus* e das *Flores do Lima* num estado ainda longe da perfeição. É com base no que temos vindo a expor que consideramos que, se algum volume da obra de Bernardes estava pronto para a edição à data da sua morte, não era

certamente o das suas rimas sacras, como tem sido geralmente escrito e aceite, mas antes o d'*O Lima*. Isto não significa que o texto que saiu pela primeira vez em 1594 não tenha a mão de Diogo Bernardes. Pelo contrário, ela está bem patente no paratexto do conjunto de poemas dedicados ao «Bom Jesus». Nas informações paratextuais dos folios 15v, 16v, 17, 18, 18v, 19, 20 e 20v verifica-se o uso do possessivo de primeira pessoa, o que indicia claramente a responsabilidade do autor dos poemas na redacção das epígrafes introdutórias. A nosso ver, ninguém, a não ser o autor, introduziria as glosas a motes alheios com a indicação «Grosa minha» ou «Voltas minhas»¹⁷. Neste contexto, poderá ser significativo que esta primeira pessoa apenas surja no paratexto dos poemas incluídos na secção centrada na figura de Jesus Cristo. Tal facto, juntamente com os elementos que já apontamos, leva-nos a pensar que a responsabilidade indiscutível de Bernardes na selecção e ordenação dos textos de 1594 se resume àquele núcleo que o «soneto dedicatório» enuncia, isto é, aos dois primeiros conjuntos, respectivamente centrados nas figuras de Jesus e Maria. Grande parte, se não mesmo a totalidade dos outros textos, terá sido acrescentada pelo editor, o qual, provavelmente para engrossar essa magra colecção de poesia sacra, recorreu a cópias que Bernardes teria reunido, mas que ainda não decidira em definitivo onde incluir, se nas suas rimas sacras, se nas profanas.

A responsabilidade pelo conteúdo das *Várias Rimas ao Bom Jesus* não pode, assim, ser atribuída em absoluto a Bernardes. Devemos, em nosso entender, reconhecer que Simão Lopes teve um papel importante na inclusão de um número significativo de poemas na colecção das poesias sacras deste autor. Do mesmo modo, e a confirmarem-se as hipóteses que formulamos acima, teremos de admitir que foi o editor quem decidiu sobre a ordem de publicação dos dois primeiros volumes das obras do cantor do Lima. Provavelmente, Diogo Bernardes teria pensado publicar em primeiro lugar *O Lima*, um conjunto de textos claramente orientados para satisfazer as expectativas de um público áulico, a cuja protecção o autor tivera de recorrer, nomeadamente, depois do seu regresso do cativeiro marroquino¹⁸.

¹⁷ Cf. BERNARDES, Diogo, *Várias Rimas ao Bom Jesus, e a Virgem gloriosa sua may, e a sanctos particulares. Com outras mais de honesta e proveitosa lição*, Lisboa, 1594, 15v («Grosa minha»), 16v («Voltas minhas»), 17 («minha»), 18v («Voltas minhas»), 19 («Voltas minhas»), 20 («Voltas minhas»), 20v («Voltas minhas»)

¹⁸ Álvaro Pimenta da GAMA trata a questão das dificuldades económicas de Bernardes no período que se seguiu ao seu regresso do cativeiro, referindo o apoio que terá recebido de personalidades bem colocadas junto de Filipe II, como Gaspar de Sousa, senhor do Alcube e sobrinho de Cristóvão de Moura e Pedro Álvares Pereira, que foi secretário do Conselho de Estado de Portugal em Madrid. A estas figuras dirigiu Bernardes cartas que são publicadas n'*O Lima*: as cartas XXX e XXXI, respectivamente. Cf. GAMA, Álvaro Pimenta da, *Diogo Bernardes*, art. cit., LVIII (1911), 348-349.

Esta estratégia editorial seria a que melhor serviria os interesses pessoais do poeta. O editor, no entanto, parece ter tido outras prioridades. Talvez Simão Lopes tenha julgado que as *Rimas ao Bom Jesus* poderiam atingir um público mais numeroso e satisfariam expectativas mais prementes. Aparentemente, a sua sensibilidade de «mercador de livros» não o enganou, uma vez que as *Várias Rimas ao Bom Jesus* foram reeditadas por quatro vezes nos começos do século XVII – 1601, 1608, 1616 e 1622¹⁹ –, enquanto quer *O Lima* quer as *Flores do Lima* apenas tiveram uma segunda edição, em 1633²⁰.

II

O sucesso editorial obtido pela obra religiosa de Diogo Bernardes talvez possa explicar-se por esta se inserir de modo muito profundo nas correntes de sensibilidade religiosa dominantes na viragem do século XVI para o século XVII. É sabido que o poema de Bernardes dedicado às «Lágrimas de São Pedro» usa como principal fonte a obra homónima de Luigi Tansillo, da qual praticamente traduz várias passagens²¹. Do mesmo modo, a «Cançam a Nossa Senhora, que o Autor fez estando cativo» é, em larga medida, a tradução directa da canção 366 de Petrarca, «Vergine bella, che di sol vestita», a qual já havia inspirado a canção de Sá de Miranda «Virgem fermosa, que achastes graça». Nestas duas obras de Bernardes podemos, sem hesitar, apontar e seguir os contextos literário e espiritual em que se inserem, visto que estamos face a dependências directas e transparentes. Nem sempre acontece o mesmo nos outros textos das *Várias Rimas ao Bom Jesus* ou, melhor, quase nunca acontece. Apesar disso, não será difícil escutarmos, em muitos dos textos de Bernardes – e de modo especial nas elegias que dedica «ao bom Jesus» –, um rumor de outros textos, familiar, mas difícil de identificar com precisão.

É consciente das dificuldades que enfrentamos e dos riscos que corremos que vamos tentar seguir, no texto do irmão de Frei Agostinho da

¹⁹ 1601 — Lisboa, por Jorge Rodrigues;
 1608 — Lisboa, por Jorge Rodrigues;
 1616 — Lisboa, por Pedro Craesbeeck;
 1622 — Lisboa, por António Álvares.

²⁰ Em Lisboa, por Lourenço Craesbeeck.

²¹ Cf. Joseph G. FUCILLA, *Sobre la popularidad en España y Portugal de las Lagrime di San Pietro de Luigi Tansillo*, in *Relaciones hispanoitalianas*, Madrid, 1953, 137-138. Vítor M. de AGUIAR E SILVA acrescenta às composições de autores portugueses inspiradas na obra de Tansillo que Fucilla refere um soneto de Elói de Sá Sotto Maior e outro de Miguel Leitão de Andrada. Cf. *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Coimbra, 1971, 321.

Cruz, os reflexos nele impressos pelo contexto da literatura de espiritualidade em que se inserem dois dos seus temas dominantes: o cristocentrismo, associado à meditação na humanidade de Cristo, por um lado, e a intenção e tom penitenciais dos seus textos, por outro.

1. As três elegias que abrem a colecção de que nos ocupamos são dirigidas «ao bom Jesus» crucificado e parecem poder corresponder a um plano de meditação semelhante ao proposto no «Exercício Oitavo» dos *Divinos ejercicios* de Nicolau Ésquio²². Esse programa de «plena e perfeita transformação, e conformação com o crucificado»²³, a ser legítima esta aproximação, teria ficado incompleto, uma vez que apenas possuímos 3 elegias e são 6 os efeitos que a meditação da paixão de Cristo deve provocar no exercitante. Com efeito, quem pratica este exercício oitavo fá-lo:

«Primeiro para imitar Cristo. Segundo para compadecer-se d'Ele. Terceiro, para admirar-se. Quarto, para alegrar-se. Quinto, para resolver-se e transformar-se em Cristo. Sexto, para descansar e repousar com doçura íntima o seu espírito n'Ele.»²⁴

O desejo de imitar Cristo é, justamente, o ponto de partida para a «Elegia I: A Jesu»:

«Aqui, ô Rey dos Reys, onde vos vejo
Que numa cruz morreis por meu amor,
Aqui por vosso amor morrer desejo.»²⁵

Apesar de reconhecer as diferenças — «que muito vay do servo ao seu Senhor»²⁶ —, o poeta acentua o paralelismo e sublinha a sua vontade de fazer suas as dores de Cristo, especificando-as. Exprime o desejo de ser «encravado» como Cristo:

²² Como testemunho da repercussão que a obra teve na Península Ibérica, veja-se uma resenha das várias edições vindas à luz nos séculos XVI, XVII e XVIII, in J. A. de CARVALHO, *Do recomendado ao lido. Direcção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no século XVII*, in *Via Spiritus*, IV (1997), 54, n. 197. No presente trabalho utilizaremos a tradução castelhana de Fray Juan Ximenez (Zaragoza, 1624).

²³ Esta é a epígrafe — e o programa — do exercício: «De la mas plena y perfeta transformacion, y conformacion con el crucificado» (ÉSQUIO, Nicolas, *Exercicios divinos*, ed. cit., 154). Esta síntese será desenvolvida ao longo de todo o capítulo, no qual se pretende fornecer um método ao exercitante que lhe permite alcançar o objectivo seguinte: «que donde quiera que seas visto, oydo, o tratado, ninguna cosa se vea, ni halle en ti, sino aquello que se vio en Christo Iesu.» (ÉSQUIO, Nicolas, *Exercicios divinos*, ed. cit., 156).

²⁴ Ésquio, Nicolas, *Exercicios divinos*, ed. cit., 160.

²⁵ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 1, vv. 1-3.

²⁶ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 1, v. 6.

«Que direy do extremo, a que chegou
 A força do vosso amor brando, e suave,
 Que nessa dura cruz vos encravou?
 Amor que tanto pode, elle m'encrave
 A vossos sanctos pés est'alma triste,
 E della em vossas mãos entregue a chave.»²⁷,

a vontade de assumir as dores que a coroa de espinhos provoca ao crucificado:

«Não deixarão meus olhos de chorar
 A pena que vos deu essa coroa,
 Que vos deram por rir, e por zombar.
 Qual espinho verei que me não doa
 Vendo como de todos sois ferido
 Como ponta que té os ossos não perdoa?»²⁸

e quer sofrer os açoites que atingem o corpo de Jesus:

«Qual golpe em vosso corpo recebido
 Me não magoará, inda qu'eu seja
 Mais que pedra, ou que ferro endurecido?»²⁹

Não deixa de ser sugestivo constatar que os versos citados correspondem, nas intenções que enunciam, ao que é sugerido no Oitavo exercício de Ésquio: «Si quieres pues en la Passion de Christo ser consolado de Dios advierte, que tanto lo seras, quanto procurares imitarla en estas virtudes. Por lo qual te conviene *desear ser de todos afligido, despreciado, persiguido, atropellado, açotado, y aborrecido por amor de Dios.*»³⁰ E, na linha do que propõe o texto dos *Divinos exercicios* – «tambien dessearas ser despojado de las cosas que usas, y quedar desnudo, con el desnudado, y seate de gravissimo tormento, tener alguna cosa propia en este mundo»³¹ – a Elegia I afirma, ainda, a intenção da renúncia aos bens terrenos:

«Negue tão de verdade, desd'agora,
 Do mundo os gostos vãos, que nunca os olhe,
 Nem cuide nelles mais ponto, nem hora.»³²

Prosseguindo o nosso exercício de aproximação entre as elegias de Bernardes e o texto de Ésquio, podemos verificar que a «Elegia II» das *Rimas*

²⁷ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 1v, vv. 46-51.

²⁸ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 2, vv. 67-72.

²⁹ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 2, vv. 73-75.

³⁰ ÉSQUIO, Nicolas, *Exercicios divinos*, ed. cit., 161, sublinhado nosso.

³¹ ÉSQUIO, Nicolas, *Exercicios divinos*, ed. cit., 161.

³² BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 2v, vv. 88-90.

ao Bom Jesus concretiza, a seu modo, o segundo dos efeitos que a meditação na paixão de Cristo deve despertar no exercitante – a compaixão –, de acordo com as propostas do referido tratado espiritual:

«Lo segundo nos exercitamos, en la Passion, para compadecernos de nuestro innocentissimo Señor: considerando sus oprobrios, açotes, espinas cruels, y clavos dolorosos: rumiando en nuestro coração la afflicion de su cuerpo y corazón (por su Passion, y nuestra compassion) que le causaron nuestros pecados y penas.»³³

A elegia bernardiana abre com duas interrogações retóricas, pelas quais o poeta afirma a inevitabilidade de sofrer com as dores de Cristo:

«Que coração tam duro, que vontade
 Tam seca, e desumana pode ser,
 Que negue a vossas dores piedade?
 Quais olhos, bom Jesu, vos podem ver
 Cravado nessa cruz, ond'expirais,
 Sem piadosas lagrimas verter?»³⁴

Retirando as consequências desta afirmação reiterada, Bernardes assume a sua responsabilidade pessoal e inalienável pelos sofrimentos de Cristo, sublinhando:

«Ha brando Senhor meu, quam mal tratado
 Vos vejo s'em vós ponho o pensamento,
 Quam afflicto por mi, quam desprezado.
 [...]
 Por nos subir ao Ceo, do Ceo descestes,
 Por nos livrar da pena à Cruz subistes,
 Peccamos contra vós, vós padecestes.»³⁵

O terceiro ponto do «Exercício oitavo» de Ésquio propõe que a meditação se concentre na Paixão de Cristo, considerando «quien padeció, y quantas cosas padeció, y por quien padeció»³⁶, no sentido de despertar no espírito do exercitante a admiração, face à desproporção entre a grandeza infinita do sacrifício divino e o imerecimento da condição humana. Dando resposta às indicações deste texto, a «Elegia III» das *Rimas ao Bom Jesus* exalta a Pessoa de Cristo – «quien padeció» –, numa enumeração de atributos que sublinha a sua condição de «verdadeiro Filho de Deus, infinitamente sábio e sumamente bom»:

³³ ÉSQUIO, Nicolas, *Exercicios divinos*, ed. cit., 163.

³⁴ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 4, vv. 1-6).

³⁵ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 4 e 4v, vv. 10-12 e 25-27.

³⁶ ÉSQUIO, Nicolas, *Exercicios divinos*, ed. cit., 165.

«A ti, meu bom IESU, qu'offendi tanto,
 A ti, repouso dos attribulados,
 A ti, gloria do Ceo, do inferno espanto,
 [...]
 A ti, meu Deus, meu pay, meu Redemptor,
 [...]
 Doce IESU, doce speranza minha.»³⁷

Também as dores que Cristo padece são objecto de contemplação:

«[...] meu Senhor, te vejo estar
 Crucificando nesse duro lenho»³⁸
 «Se te vejo Senhor, qu'estas rogando
 A teu eterno padre por perdão
 Daquelles que te estão crucificando»³⁹
 «Ó alma minha, ó alma endurecida,
 [...]
 As dores de IESV dente môr dor»⁴⁰
 «Quando meus olhos nessas chagas ponho,
 [...]
 Ha chagas amorosas, sacro lado.»⁴¹

Por último, os *Exercícios* acentuam a insignificância e o imerecimento de quem é o objecto do amor de Cristo: «unos vilisimos hombres, esclavos de Satanás». Este amor desmesurado, esta absurda desproporção entre «quien padeció» e «por quien padeció» é exactamente o que deve despertar e alimentar a admiração do exercitante:

«Maravillate pues, que tal Señor, y tan grande, aya padecido tales cosas por tan viles hombres, que aquellos mismos por cuya salud muere, son sus verdugos, y los que le martyrizan, y afrentan.»⁴²

Como poderemos deixar de recordar estas recomendações, quando lemos, na «Elegia» de Bernardes, os versos seguintes:

«Ó alma minha, ó alma endurecida,
 Como te não abranda o grande amor,
 Com que, por quem te fez, foste remida?

³⁷ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 5v, vv. 1-3; fo. 6, v. 51; fo. 6v, y. 67.

³⁸ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 5v, vv. 7-8.

³⁹ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 5v, vv. 13-15

⁴⁰ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 6, vv. 25 e 28.

⁴¹ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 6, vv. 43 e 46.

⁴² ÊSQUIO, Nicolas, *Exercícios divinos*, ed. cit., 168-169.

As dores de IESV dente môr dor,
Olha que por dar vida à creatura
Tam pouco estima a sua o Criador.»⁴³

Terá sido Bernardes um leitor de Ésquio? E, mesmo que o tenha sido, terá praticado os seus *Exercícios*?

A aproximação que ensaiámos parece sugeri-lo, pelo menos no que ao «Exercício oitavo» se refere. No entanto, se assim tivesse sido, deveríamos considerar que a série formada pelas elegias «ao bom Jesus» teria ficado incompleta, uma vez que nela faltam os poemas correspondentes aos pontos quarto, quinto e sexto. Como hipótese, poderíamos, pois, considerar que as elegias que conhecemos fariam parte de um programa mais amplo e poderiam consubstanciar, a seu modo, a prática espiritual do irmão de Fr. Agostinho da Cruz... É uma hipótese que se nos afigura sedutora, talvez até demasiado sedutora, se lembrarmos que o «Soneto dedicatório» que abre e apresenta a colecção das «pias rimas» de Bernardes sublinha o seu carácter disperso e circunstancial:

«Brando Senhor IESUS, as pias rimas
No discurso dos annos derramadas,
A ti, e à virgem madre dedicadas
Em varias occasiões, em varios climas,
Aqui [...]
Juntas te são de novo apresentadas.»⁴⁴

Será, talvez, mais curial ponderar que os *Exercícios* de Ésquio – e de um modo particular o «Exercício Oitavo» – terão ferido a sensibilidade literária do poeta, sugerindo-lhe uma maneira de tratar o tema da meditação na Paixão de Cristo, sem que tal signifique que tenha havido a intenção deliberada de realizar um programa textual que recriasse, com um absoluto seguidismo, o percurso espiritual que aí é proposto ao exercitante. A sustentar a hipótese de que o tipo de ligação que pode unir os poemas das *Várias Rimas ao Bom Jesus* ao texto dos *Exercícios divinos* é mais este, algo flexível e avulso, está a «Elegia a Nossa Senhora da Piedade»⁴⁵. A insistência no sofrimento da virgem e a associação da sua dor com a dor de Cristo poderia muito bem ter sido sugerida a Diogo Bernardes pelas seguintes palavras de Ésquio:

⁴³ BERNARDES, Diogo, *Várias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 6, vv. 25-30.

⁴⁴ BERNARDES, Diogo, *Várias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. n.n., vv. 1-6.

⁴⁵ BERNARDES, Diogo, *Várias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 22v-24v.

«Considera [...] la affliction de su dulcissima Madre que tenia presente, y le veía; que casi se le faltava el corazón de puro dolor. Y siendo este dolor manifiesto a la madre, serviale también a ella de pena.»⁴⁶

Naturalmente, não esquecemos que a imagem da Virgem neste texto de Ésquio é a que contempla a agonia do seu Filho na cruz, e não, como acontece na elegia de Bernardes, a que acolhe nos braços o seu corpo morto. Exactamente por isso insistimos na ideia de que a relação intertextual que temos vindo a apontar não é directa, no sentido em que não podemos considerar que o texto de Ésquio seja a fonte do texto de Bernardes. No entanto, a filiação dos dois textos no mesmo sentimento religioso, a prática espiritual que um propõe e que o outro concretiza manifestam, a nosso ver, a existência de uma relação genética: mesmo que as elegias de Bernardes não tenham nascido directamente do texto do «Exercício Oitavo» de Ésquio, nasceram, com certeza, do mesmo tipo de espiritualidade. Estas são relações difíceis de seguir, porque não se manifestam de contínuo: tanto afloram como, logo depois, imergem, para reaparecerem um pouco adiante, ou para se manterem submersas, num eco distante, quase impossível de identificar, mas cuja presença é indesmentível.

Sugestionados pela proximidade que julgamos ter identificado entre as elegias «ao bom JESUS» e a obra de Ésquio, esperaríamos que também os sonetos que Bernardes consagrou às cinco chagas de Cristo se aproximassem, no modo de tratar este subtema da Paixão, das propostas apresentadas nos *Exercícios divinos*. Ao lermos esses «5 sonetos que o Autor fez estando cativo às cinco chagas de IESV», esperávamos que cada um deles se concentrasse numa das cinco chagas de Cristo, seguindo a sugestão do «Exercício Septimo». De acordo com este texto, seria legítimo esperar que um desses poemas de Bernardes fosse dedicado às chagas dos pés de Cristo, exaltando-se nele as virtudes da humildade, da obediência, da paciência e do silêncio; um outro soneto dedicado às chagas da cabeça, em que se reflectisse sobre as virtudes da sabedoria, do temor a Deus, da discrição e simplicidade; um soneto consagrado ao coração trespassado, com a meditação nas virtudes da Caridade, da Fé, Esperança e Perseverança; um quarto poema incidindo na chaga da mão direita, com o apelo às virtudes da Justiça, Misericórdia, Verdade e Gratidão; um último soneto abordando a chaga da mão esquerda, propondo as virtudes da fortaleza, castidade, temperança e pobreza⁴⁷.

⁴⁶ ÉSQUIO, Nicolas, *Exercícios divinos*, ed. cit., 163-164.

⁴⁷ ÉSQUIO, Nicolas, *Exercícios divinos*, ed. cit., 132-153. Neste exercício considera-se «cosa cierta, que sus santissimas llagas son los manñiales, por los quales el Padre eterno nos comunica las virtudes, dones, y gracias: y que de alli, como de su propia fuente, las avemos de beber, y chupar» (ÉSQUIO, Nicolas, *Exercícios divinos*, ed. cit., 133).

No entanto, os cinco sonetos de Bernardes às cinco chagas de Cristo não são, de modo algum, especializados, nem articulam esta meditação com a contemplação das diferentes virtudes cristãs. Em cada um dos sonetos, a invocação das chagas é feita de modo global, sem que nunca sejam referidas individualmente:

- soneto 1: «Ó frescas rosas cinco, ó cinco estrellas
[...]
Mais proprio cinco pedras preciosas»⁴⁸;
- soneto 2: «Ó chagas de IESV [...] Ó insignias da mais alta victoria»⁴⁹;
- soneto 3: « Ó hum só amor meu, ó cinco amores,
Ó chagas de Iesu, chagas divinas»⁵⁰;
- soneto 4: «Sacratissimas chagas, [...] Ah santas Chagas»⁵¹;
- soneto 5: «Cinco fontes de graças infinitas,
Ó chagas, cheas d'alta fermosura,
[...]
Ó chagas de meu Señor, chagas benditas.»⁵²

Diferentemente do que verificámos em relação à contemplação da Paixão de Cristo nas elegias, constata-se que os sonetos que referimos, embora aceitem a sugestão do subtema proposto pelo «Exercício Septimo» de Ésquio, não o desenvolvem de acordo com o percurso meditativo que este aponta. Seguindo um rumo diverso, a prática espiritual concreta que os cinco sonetos consubstanciam não deixa, contudo, de gravitar em torno dos modelos e princípios divulgados por essa obra marcante na literatura de espiritualidade do final do século XVI peninsular. Este conjunto de poemas dedicados às chagas de Cristo ilustra, em complemento às elegias «ao bom Jesus», o carácter iniludível, mas complexo, das relações intertextuais que explorámos até aqui.

Das aproximações que ensaiámos, poderá concluir-se que, embora seja difícil precisar as modalidades concretas das dependências entre alguns dos mais significativos poemas religiosos de Diogo Bernardes e o texto dos *Exercícios Espirituais e Divinos* de Nicolau Ésquio, é possível referir esta última obra e o modelo de práticas espirituais que propõe como um dos contextos em que se inserem quer os textos quer a espiritualidade das

⁴⁸ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 7, vv. 1 e 3.

⁴⁹ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 7v, vv. 1 e 5.

⁵⁰ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 8, vv. 7-8.

⁵¹ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 8v, vv. 1 e 12.

⁵² BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 9, vv. 1-2 e 8.

Várias Rimas ao Bom Jesus, tanto na sua dimensão cristocêntrica, quanto na meditação, que reflectem, sobre a humanidade de Jesus Cristo.

2. Uma outra dimensão da poesia religiosa de Bernardes é a sua intenção e o seu tom penitenciais. Ainda que levemos em conta a observação de J. Adriano de Carvalho quando, na apresentação da sua edição dos *Psalmos Penitenciaes* de D. Jorge de Soto Mayor, escreve que não conhece, entre os textos poéticos portugueses do século XVI, «outro conjunto que não este, — nem sequer Diogo Bernardes nem Fr. Agostinho da Cruz, este apesar de notória inspiração bíblica, parecem ter deixado um único salmo, penitencial ou não, glosado»⁵³, julgamos poder sugerir que as elegias de Bernardes, e em particular as Elegias III, «A ti, meu bom IESV, qu'offendi tanto», e IV, «Quem, ó Senhor do ceo, de tanta culpa», se inserem no mesmo contexto espiritual em que surgiram esses *Psalmos* do seu contemporâneo D. Jorge de Soto Mayor. Com efeito, não nos parece que andemos muito longe da verdade, se sugerirmos uma proximidade do texto dessa elegia de Bernardes por um lado ao texto dos salmos 142, 70 e 50, e por outro lado, à glosa (ou «redução») que deles fez D. Jorge nos seus «*Psalmos*» 3 e 1, respectivamente.

O «*Psalmos* 3» de Soto Mayor abre com uma súplica que J. A. de Carvalho pensa ser um eco do primeiro versículo do salmo 142.⁵⁴ Também o texto de Diogo Bernardes contém esta súplica. Se os versos de Soto Mayor

«Ouvime meu Senhor que por vos clamo
com grande confiança
com fé com speranza»

podem aproximar-se do versículo «Domine exaudi orationem meam: auribus percipe obsecrationem meam in veritate tua: exaudi me in tua iustitia», também os primeiros versos da elegia,

«A ti, meu bom IESV, qu'offendi tanto,
A ti, repouso dos atribulados,
A ti, glória do ceo, do inferno espanto,
A ti peço perdão dos meus peccados
[...]
Não m'enjeites, meu Deos, se tarde venho,
A culpa de temor m'esta cercando,
Segura me a esperanza qu'em ti tenho»⁵⁵

⁵³ CARVALHO, José Adriano de Freitas, *Os Psalmos Penitenciaes de D. Jorge de Soto Mayor*, art. cit., 243.

⁵⁴ CARVALHO, José Adriano de Freitas, *Os Psalmos Penitenciaes de D. Jorge de Soto Mayor*, art. cit., 253.

⁵⁵ BERNARDES, Diogo, *Várias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 5v, vv. 1-4 e 10-12.

podem ter sido inspirados por esse mesmo texto bíblico. Não é mais do que uma possibilidade, uma vez que esta prece poderia igualmente aproximar-se dos primeiros versículos de outros salmos, como o 129 — «De profundis clamavi ad te Domine» —, ou o 101 — «Domine exaudi orationem meam et clamor meus ad te veniat». Apesar disso, podemos considerar que o verso 11 da elegia de Bernardes — «A culpa de temor m'esta cercando» — apresenta uma sugestão das palavras do versículo 3 do referido salmo 142 — «Quia persecutus est inimicus animam meam» —, enquanto a parte central da composição parece desenvolver, sob a forma de um discurso argumentativo, o versículo 5 do mesmo salmo: «Memor fui dierum antiquorum, meditatus sum in omnibus operibus tuis: in factis manuum tuarum meditabar». De acordo com esta proposta, a meditação de Bernardes relembra as obras da mão poderosa de Deus, actualizando-as nos factos da Paixão redentora de Cristo — uma forma de as concretizar e de as equacionar com os erros próprios:

«Se te vejo Senhor, qu'estas rogando
 A teu eterno padre por perdão
 Daquelles, que t'estão crucificando,
 Se dizes com voz doce ao bom ladrão,
 Comigo hoje seras no paraíso,
 Os meus temores como se não vão?
 [...]
 Se te meus erros movem a vingança
 Lembrete que por mi poseste a vida,
 Abranda teu furor nesta lembrança.
 Ó alma minha, ó alma endurecida,
 Como te não abrandas o grande amor,
 Com que, por quem te fez, foste remida?»⁵⁶

Seguem-se as prosopopeias dirigidas ao coração «de pedra dura» e às «entranhas de ferro» do sujeito, opondo à sua fria insistência no pecado o calor da acção redentora de Deus, consubstanciada na paixão e morte de seu Filho. A exposição reiterada deste contraste entre o passado pecaminoso do poeta e a obra salvífica de Cristo culmina numa súplica que, a nosso ver, se inspira no versículo 8 do salmo 142. Assim, o pedido do salmista

«Auditam fac mihi mane misericordiam tuam:
 quia in te speravi.
 Notam fac mihi viam, in qua ambulem:
 quia ad te levavi animam meam»

⁵⁶ BERNARDES, Diogo, *Várias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 5v-6, vv. 13-18 e 22-27.

converte-se num veemente e confiado apelo ao crucificado, fundado não na evocação de um passado irrepreensível, no qual confia o salmista para afirmar a sua certeza na misericórdia de Deus, mas na assumida intenção de seguir no futuro os preceitos divinos, corrigindo o errado caminho que levava:

«Hum novo coração me dá, Senhor,
 O qual a ti só tema, a ti só ame,
 A ti, meu Deos, meu pay, meu Redemptor.
 Por ti sospire sempre, por ti chame,
 Por ti me negue a mi & tudo negue,
 Por ti saudosas lagrimas derrame.
 A ti busque, a ti ache, a ti m'entregue
 Com tam intenso amor, com tal vontade
 Que nunca mais de ti me desapegue.»⁵⁷

Prosseguindo a aproximação ao salmo 142, poderemos ver os 4 versos que encerram o poema de Bernardes como o desenvolvimento da expressão do salmista «Notam fac mihi viam, in qua ambulem»:

«Est'alma tantas vezes desviada
 Do caminho do Ceo, tu encaminha,
 Que se por ti não vay, vay muito errada,
 Doce IESV, doce speranza minha.»⁵⁸

Evidentemente, J. A. de Carvalho tinha razão: a «Elegia III» de Bernardes não é uma glosa do salmo 142; no entanto, as coincidências — certas coincidências, pelo menos — não só de tom e atitude, mas também de léxico e de sugestão metafórica autorizam-nos a integrar este texto de Bernardes no contexto da literatura de espiritualidade que toma por referência o *Livro dos Salmos* e a lê-lo nesta perspectiva. E a «Elegia III» não é a única que suporta tal leitura. Com efeito, a exploração do mesmo tipo de intertextualidades que tentámos ilustrar aproximando a elegia «A ti, meu bom IESV, qu'offendi tanto» do salmo 142 poderá ensaiar-se tomando como objecto a «Elegia IV», «Quem, ó Senhor do ceo, de tanta culpa»⁵⁹, e o salmo 70.

Nesta perspectiva, os primeiros versos da composição de Bernardes,

«Quem, ó Senhor do ceo, de tanta culpa
 Se vê qu'está cercado, que não tem
 Em cem mil erros hũa so desculpa:
 Onde s'acolherá, Senhor, ou a quem,
 Se a vós, de quem se teme, não tornar?»

⁵⁷ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 6v, vv. 49-57.

⁵⁸ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 6v, vv. 64-67.

⁵⁹ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 10v-11v.

Em qu'alta serra, em que profundo mar
 Pode dos vossos olhos esconderse?
 Onde de vossas mãos pode escapar?
 Se quer fogir de vós para valer-se,
 Não lhe sinto lugar melhor guardado,
 Que dentro em vossas chagas recolher-se.
 Escondase de vós no vosso lado,
 Não cure de buscar outro deserto,
 Nem outro mais seguro povoado»⁶⁰

parecem retomar, numa orientação cristocêntrica, a afirmação de confiança e o apelo que os três primeiros versículos do salmo 70 exprimem:

«In te Domine speravi, non confundar in æternum:
 in iustitia tua libera me, et eripe me.

Inclina ad me aurem tuam, et salva me.

Esto mihi in Deum protectorem

et in locum munitum ut salvum me facias.

Quoniam firmamentum meum, et refugium meum es tu.»

Apesar desta aproximação inicial ao salmo 70, o texto da elegia desenvolve-se ao longo dos versos seguintes no sentido de evidenciar a vida de culpa em que o sujeito poético se encontra mergulhado, e, afirmando-a reiteradamente, solicita, em consequência das suas debilidades humanas, o socorro da misericórdia divina. :

«Mas a minha [=vida] na culpa endurecida,
 Que tanto de continuo vos offende,
 Ingrata a vosso amor, desconhecida
 Vendo por quantas partes ja s'estende
 Deste fogo mortal a mortal chama,
 De vós tam apartada que pretende?
 Como tam seca está que não derrama
 Lagrimas noite e dia, em que se lave?
 Como de vós amada vos não ama?
 Ha lance já de si o jugo grave
 Dos graves erros seus, o vosso tome,
 O vosso, ó bom IESV, leve, e suave.
 Quebrante no poder do vosso nome
 Do seu mortal imigo a fortaleza,
 Com vossa graça sua malicia dome.»⁶¹

⁶⁰ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 10v, vv. 1-15.

⁶¹ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 10v-11, vv. 22-36.

Ao tomarem esta orientação, os versos reproduzidos reflectem mais o tom dos salmos penitenciais, e particularmente do salmo 50, quando, na sua primeira parte, o salmista confessa a Deus o seu pecado e Lhe suplica que «lave» a sua culpa (versículos 1-9)⁶². Tal como neste salmo, ao reconhecimento da culpa, segue-se, na composição de Bernardes, o pedido de remissão. Esse apelo encontra-se consubstanciado nos derradeiros 22 versos da «Elegia no tempo do mal», os quais poderão servir de suporte à sugestão de intertextualidade que acabámos de referir. De facto, o sujeito desta composição de Bernardes coloca-se numa atitude que é paralela, uma vez ressalvadas as circunstâncias concretas de produção do texto português, da que a situação de exílio desperta no autor do salmo:

«Ha Senhor, pois a vossa [=vida] offerecida
 por mim foy num madeiro entre vil gente,
 Não me deixeis de mi ser homicida.
 Não permittais que corte de repente
 A dura Parca o fio de meus dias
 Gastados ategora inutilmente.
 Primeiro tantas lagrimas derramem
 Meus olhos por vos ter errado tanto,
 Que fontes, e não ja olhos, se chamem.
 Em fim primeiro deixe tudo quanto
 De vós, meu Deos, m'aparta, e me desvia
 De dar a vós meu choro, a vós meu canto.
 Torne da noute escura ao claro dia
 Primeiro que de todo m'anouteça,
 E se torne esta terra â terra fria.

⁶² O processo de elaboração textual levado a cabo por Diogo Bernardes tem, nesta elegia, coincidências sugestivas com o que J. A. de Carvalho assinala em relação ao «Psalmo 1» de D. Jorge de Soto Mayor. Compare-se o que escrevemos com o que aquele ensaísta escreve a propósito do referido poema: «Assim, à abertura *Misericordia Deus Misericordia* que «reduz», como sugerimos, o primeiro versículo do salmo 50, segue-se, depois da constatação do desengano das *cousas do mundo e sua gloria*, que cremos ser a elaboração do *Quoniam inquietatem meam ego cognosco et peccatum meum coram me est semper*, perspectiva que o poeta reafirma, retomando directamente o texto bíblico, quando se «vê» interiormente: *De mim mesmo me corro, eu tão presente! trago ante os olhos sempre minha culpa* (v. 22-23), culpa tão vivamente presente que o poeta paradoxalmente anota: *que se algum pensamento me desculpa / muito mais magoada a alma se sente* (v. 23-24). Se esta «redução» do poema bíblico revela uma fina análise psicológica, o momento seguinte do *Psalmo* parece elaborar, com a assimilação da situação do poeta português à do poeta bíblico — processo muito característico deste género de poesia penitencial — um pedido: que Deus, amante da verdade, instrua o pecador com a sua íntima sabedoria e o prepare, assim, para a purificação.» (CARVALHO, José Adriano de Freitas, *Os Salmos Penitenciais de D. Jorge de Soto Mayor*, art. cit., 244-245).

Nest'alma, qu'anda em trevas, amanheça
 Vossa divina luz, onde sera fim
 Diante de vossos olhos resplandeça
 Por vós cobrando o que perdi por mim.»⁶³

Não se trata de uma paráfrase dos versículos 12-17 do salmo 50, mas é difícil não ver nestes versos de Bernardes uma sugestão desse poema bíblico. Um mesmo tom, uma atitude semelhante do sujeito perante Deus e, ainda, uma coincidência sugestiva de imagens — *Salmo 50*: «Cor mundum crea in me Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.» (v. 12) // *Elegia*. «Primeiro estas entranhas, que tam frias / em vosso amor estão, nelle s'inflamem» (vv. 55-56); *Salmo 50*: «Domine, labia me aperies, et os meum annuntiabit laudem tuam.» (v. 17) // *Elegia*: «Em fim primeiro deixe tudo quanto / De vós, meu Deos, m'aparta, e me desvia / De dar a vós meu choro, a vós meu canto» (vv. 61-63) — parecem denunciar um qualquer tipo de dependência, ainda que indirecta. Curiosamente, o processo de elaboração textual de Bernardes é muito semelhante ao que D. Jorge de Soto Mayor utiliza nos seus «Psalms penitenciaes». Paralelamente ao que acontece no «Psalmo 1» deste autor, nos versos que acabamos de citar, a intenção penitencial afirmada ao longo da elegia assume uma dimensão concreta e visível no choro e nas lágrimas. Este desenvolvimento poderia ser autorizado pelo texto do versículo 9 do salmo 50 — «asperges me hyssopo et mundabor: lavabis me et supervivem dealbabor» —, mas há que ponderar outras implicações. Como salienta J. A. de Carvalho no comentário que faz ao referido «Psalmo 1» de D. Jorge Soto Mayor, as lágrimas são um elemento que, «embora não lhe seja semanticamente estranho, não aparece no corpo do salmo 50». Sugere, por isso, que o texto desse «Psalmo 1» de D. Jorge poderá estar também relacionado com o salmo 6, especialmente com os versículos 7-8⁶⁴. Esta aproximação será igualmente pertinente para a elegia de Bernardes? É uma hipótese que não custaria aceitar. De qualquer modo, há um assinalável paralelismo entre este texto de Soto Mayor e a «Elegia no tempo do mal», uma vez que também o «Psalmo» parece ter seguido o salmo 50⁶⁵.

Se levarmos em conta as intertextualidades que assinalámos e as considerações que fizemos, terá ficado claro que as Elegias III, «A ti, meu bom IESV, qu'offendi tanto», e IV, «no tempo do mal», de Diogo Bernardes têm a sua origem no mesmo ambiente religioso e cultural em que foram

⁶³ BERNARDES, Diogo, *Varias Rimas ao Bom Jesus*, ed. cit., fo. 11-11v, vv. 49-70.

⁶⁴ CARVALHO, José Adriano de Freitas, *Os Psalms Penitenciaes de D. Jorge de Soto Mayor*, art. cit., 245.

⁶⁵ Cf. *supra* nota 62.

elaborados os «Psalms penitenciaes» de D. Jorge Soto Mayor. É nesta perspectiva que nos parece legítimo afirmar que as *Várias Rimas ao Bom Jesus* respondiam, no momento da sua primeira publicação, às expectativas de um grupo socio-cultural cuja espiritualidade se orientava por textos como o de Nicolau Ésquio, em que se divulgam as orientações dos místicos do Norte, e que pôde produzir obras como esses poemas de D. Jorge de Soto Mayor conservados no manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto. Dentro deste quadro, será mais compreensível e mais fácil de aceitar que o editor Simão Lopes — o mesmo que publicara em 1593 a *Segunda Parte dos Diálogos da Imagem da Vida Cristã* — tenha querido trazer imediatamente à luz este volume da obra de Diogo Bernardes, deixando para publicar somente dois anos depois as éclogas e as cartas d'*O Lima*. Uma opção cujo acerto as quatro reedições que as *Várias Rimas ao Bom Jesus* tiveram num espaço de menos de 30 anos viriam a ratificar.

Luis de Sá Fardilha

Abstract:

This study articulates the analyses of the text with the available documents, establishing the circumstances surrounding the organization and edition of Bernardes' work, particularly the text entitled Várias Rimas ao Bom Jesus, published in 1594. In the second part of this study, the author explains how the text written by the brother of Fr. Agostinho da Cruz is profoundly identified with the late 16th Century and early 17th Century dominant religious sentiments. Therefore, the author examines the relationships that can be established between this text and N. Ésquio's Exercícios, and the texts which were, at a certain point, influenced by the biblical Psalms, particularly those considered as «penitential».